

MEMÓRIAS DO VESTIR EM PELOTAS/RS: LEMBRANÇAS DE MULHERES NOS ANOS DE 1980¹

Memories of dressing in Pelotas/RS: memories of women in the 1980s

Silveira, Laiana Pereira da; Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural; Universidade Federal de Pelotas, laianasilveira@gmail.com²

Michelon, Francisca Ferreira; Doutora em História; Universidade Federal de Pelotas, fmichelon.ufpel@gmail.com³

Schneid, Frantieska Huszar; Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural; Instituto Federal Sul-rio-grandense, frantieskajs@gmail.com⁴

Resumo: O estudo objetiva-se em apresentar o vestuário como suporte de memória mediante a análise de conteúdo aplicada a relatos orais. Baseado na perspectiva de vestuário como fenômeno social, e na reconstrução do passado no presente a partir das lembranças. Assim, além das relações traçadas com as entrevistas, evidenciamos essa materialidade como um ponto de acesso memorial ao passado.

Palavras chave: Memórias do vestir; Cultura Visual; Pelotas/RS.

Abstract: The study aims to present clothing as a memory support through content analysis applied to oral reports. Based on the perspective of clothing as a social phenomenon, and on the reconstruction of the past in the present from memories. Thus, in addition to the relationships drawn with the interviews, we evidence this materiality as a memorial access point to the past.

Keywords: Dressing memories; Visual Culture; Pelotas/RS.

Introdução

O artigo apresenta parte dos resultados obtidos em uma pesquisa que observou como as variações que se anunciavam em um período de transição política no Brasil, quando hábitos, costumes e valores novos passaram a ser pensados, e compuseram elementos de expressão para um certo grupo de mulheres que habitavam uma cidade com perfil conservador, no sul do Brasil. A cidade de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul, que teve seu surgimento em decorrência da indústria do charque.

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/UFPEL). Graduada em Design de Moda (IFSUL/CAVG).

³ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Docente permanente na Universidade Federal de Pelotas.

⁴ Doutora (2020) e Mestre (2015) em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Especialista em Docência na Educação Profissional pela Faculdade de Tecnologia Senac-Rs. Graduada em Moda e Estilo pela Universidade de Caxias do Sul (2007). Docente permanente no Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Logo, através do título deste estudo é possível compreender qual será o conteúdo desta reflexão, as memórias que se processam a partir de uma roupa que pertenceu ou pertence à depoente cujo uso no passado foi marcante. Ecléa Bosi (2022) em seus estudos sobre a memória oral, evidencia que “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano (BOSI, 2022, p. 15), portanto, ao convidar que procurassem evidenciar o vestuário que usavam na década em questão, os relatos orais coletados por meio das entrevistas propiciaram que essas mulheres tornassem a refletir sobre si como jovens em um tempo que talvez não lhes fosse tão apreensível nas mudanças que estavam ocorrendo.

Foi, portanto, através do levantamento bibliográfico e documental, que se desenvolveu o embasamento histórico necessário para contextualizar as práticas vestimentares na década de 1980 e assim, desenvolver os instrumentos de coleta de dados, que foram dois: o formulário e o roteiro de entrevista. Sendo assim, este recorte deriva de uma discussão de dados determinados através de cinco entrevistas realizadas ao longo da construção da pesquisa em questão⁵. Ao pensar no segundo método de coleta de dados, às entrevistas, havia o objetivo de que o grupo de participantes fosse composto por aquelas depoentes que tinham guardado alguma peça de vestuário remanescente do seu guarda-roupa usado na década de 1980. Apenas sete se apresentaram com essa premissa atendida, e cinco delas participaram cedendo entrevistas.

Das entrevistas, surgiu uma questão já intuída na pesquisa original, ainda que não desenvolvida porque estava fora do que se buscava no problema da pesquisa. A questão que ora se desenvolveu quando da releitura dos depoimentos é, justamente, o sentido da guarda como expressão do indivíduo para o desejo de vir a lembrar ou, de modo mais específico, de não vir a esquecer. A eleição da roupa guardada poderia, supomos ser a materialidade ou um ponto de acesso ao tempo findo, fixado em uma síntese que tanto representa o corpo de outrora como os fatos que a pessoa viveu e desejou, por sua vontade, reter na memória. É a roupa como síntese memorial de um tempo de mudanças, discretas sob muitos aspectos, os quais se busca identificar nos depoimentos.

Portanto, esta pesquisa propõe apresentar o vestuário como suporte de memória mediante a análise de conteúdo aplicada a relatos orais. Baseado na perspectiva de vestuário como fenômeno social (HOLLANDER, 1996; CIDREIRA, 2005; CRANE, 2006) e na reconstrução do passado no presente a partir das memórias declarativas (IZQUIERDO, 1989). Por fim, além das relações

⁵ SILVEIRA, Laiana Pereira da. O vestuário como suporte de recordação: lembranças da juventude pelotense (1980-1989). 2022. 156 folhas. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

traçadas com as entrevistas, evidenciamos essa materialidade como um ponto de acesso memorial ao passado.

ola@grandesite.com.br

Caminhos metodológicos

De forma que viesse a complementar a pesquisa bibliográfica e documental, optou-se por desenvolver um formulário online como ferramenta para o primeiro contato com o público desta pesquisa, e descobrir quem realmente seriam estas entrevistadas. Sendo assim, o formulário online foi desenvolvido e, a partir da técnica da bola de neve, ou seja, indicações que surgiram a partir de uma listagem inicial, os dados do formulário foram surgindo, através desse compartilhamento (COSTA, 2018). Sendo que, para chegar ao objetivo da pesquisa, o ideal seria conversar com mulheres que tivessem guardado algum vestuário da década delimitada. Portanto, através das perguntas finais dessa primeira ferramenta, foi possível identificar esse público, e das 48 participantes dessa primeira ferramenta utilizada como coleta de dados, apenas 7 guardavam vestuário da década de 1980, das 7 participantes que fizeram essa guarda, 5 delas foram entrevistadas.

A partir da entrevista individual com cada uma delas, da transcrição realizada, começou então a análise dos resultados através da análise de conteúdo (AC), pela perspectiva da Laurence Bardin (2004), que define a AC como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2004, p. 38). Dentre os procedimentos sistemáticos utilizados por Bardin (2004), trabalhamos com as etapas indicadas pela autora: pré-análise, codificação e categorização. Sendo assim, realizada a organização das entrevistas transcritas, abarcada pela primeira etapa de AC, posteriormente, foi iniciada a etapa da codificação, onde foi escolhido trabalhar com a análise temática de forma ampla, sendo: **o vestuário e suas articulações.**

Diante das escolhas, foram gerados 6 códigos, sendo eles: (1) status/cultural/comportamento/consumo; (2) elementos específicos do vestuário; (3) acontecimento marcante/afetividade/sentimentalismo; (4) quem usou/quando usou/como usou; (5) vontade de guardar; e (6) mandar fazer. Em um novo reagrupamento, organizado por meio da frequência dos códigos, e

A considerar como principal critério de categorização, o semântico, que é o agrupamento de significado, quando a mesma ideia está sendo expressa naquele trecho transcrito, levando em consideração a característica de similaridade. Assim como, outro padrão a ser

seguido é o de exclusão mútua, e esse padrão está relacionado aos trechos que podem se encaixar em mais de um código, o que ocorreu no processo de codificação, pois como dito acima, foram 120 trechos selecionados e o somatório da frequência, há um total de 166 trechos, e o agrupamento dos códigos gerando categorias únicas (SILVEIRA, 2022, p. 114).

Sendo assim, através desse novo reagrupamento através da etapa de categorização, foram geradas 3 categorias de análise: (1) aspectos culturais e comportamentais, (2) materialidade e (3) aspectos simbólicos. Fundamentalmente, a primeira categoria envolve as questões referentes ao vestuário como um fenômeno social (HOLLANDER, 1996; CRANE, 2006), a segunda aborda o vestuário como objeto de estudo produzido e consumido pelo sujeito a partir de aspectos materiais (BENARUSH, 2012), e a última engloba questões referentes ao valor afetivo do vestuário.

Revisitando a moda de Pelotas nos anos 80: memórias que inspiram

O vestuário faz parte da uma materialidade essencial a vida, não há dúvidas, “desde o nascimento, o ser humano é marcado pelo entorno social, como se sua nudez natural fosse inadmissível” (CIDREIRA, 2005, p. 11), somos surpreendidos desde o primeiro contato com o mundo. Assim sendo, neste momento, com as categorias já estabelecidas e os trechos direcionados a cada uma das três, faremos de forma sintética a análise de alguns recortes das transcrições, de forma que possa transmitir a essência do estudo.

É através dos aspectos culturais e comportamentais que se torna possível identificar particularidades das sociedades, dentre elas, demarcações obtidas através de fronteiras geográficas, como é notado no seguinte relato:

Sempre teve aquela questão de que Pelotas é uma cidade onde as pessoas se vestem e se arrumam de um jeito diferente, aquela questão cultural lá dos franceses, que os filhos dos pelotenses estudavam fora do país, então tinha aquela coisa que as pessoas aí se vestiam melhor, então nós tínhamos sempre a roupinha diferenciada para atravessar a ponte Rio Grande-Pelotas, o sapatinho diferenciado, aquela coisa assim (ENTREVISTADA 1, 2021).

Mas o que teria haver “aquela questão cultural lá dos franceses”? Por que pensar nos aspectos culturais através do vestuário? Cidreira (2005) garante que, “nada mais arraigado em nossa própria cultura do que o "ato de vestir" o corpo” (CIDREIRA, 2005, p. 13), reparando aqui em as fronteiras geográficas são influenciadas por culturas locais e também pelo que vem de fora. Ao refletir sobre o trecho da entrevista e o apontamento de Cidreira (2005), logo, tem-se em mente o que é abordado por Douglas e Isherwood (2004), onde a evolução cultural é ocasionada devido muitas vezes a interferências feitas pela sociedade.

Ao pensar sobre o despertar da moda, e como ela se faz presente, neste trecho, por exemplo, conseguimos identificar o que Santaella (2023) evidencia ao falar que “a moda desperta modos de sentir, modos de ser percebida” (SANTAELLA, 2023, p. 18). O relato nos leva a refletir sobre como as práticas de vestir estão presentes no dia a dia das pessoas, carregando diferentes significados. Nas palavras da Entrevistada, podemos perceber a distinção que era feita entre as duas cidades separadas pela fronteira física da ponte.

A preocupação com a aparência ao visitar a cidade vizinha reforça o que Volpi (2014) explica sobre a relação entre vestuário e a construção dos símbolos urbanos. Portanto, é importante considerar a conexão entre a sociedade vestida e o espaço urbano, que expressam maneiras de "estretar a relação entre a cidade e a moda" (VOLPI, 2014, p. 72). Isso mostra a ligação entre o ato de vestir e a construção social. Com essa ideia, Volpi (2014) e Roche (2007) concordam ao afirmar que "a lógica da roupa oferece uma maneira de compreender e estudar as transformações sociais que ocorrem nas cidades" (ROCHE, 2007, p. 20).

As diferenças nas práticas vestimentares expostas no trecho da entrevista apresentado, indicativo das questões culturais e das particularidades que determinado estrato da população mantinha sobre a cidade em questão, pareceu-nos propagar o reconhecimento de que a cidade era mais urbana. Nesse caso, o sujeito reconhecendo a diferença sente a necessidade de obter uma peça de vestuário para a ocasião.

Em equivalência, o jeans, associado a uma marca, foi trazido como indicador de um estilo que levava em conta a ostentação, ou como apresentado por Santaella (2023), uma forma de ser percebida através da roupa. Aparecendo nas recordações da Entrevistada 4 no trecho a seguir: “[...] calça Pierre Cardin eu ganhei quando eu vim pra cá gente, eu usava aquela calça, era um jeans, um corte perfeito, ainda tem, Pierre Cardin, o meu melhor jeans, o meu primeiro jeans caro da vida, bah usava assim, poupava pra não gastar” (ENTREVISTADA 4, 2021). Vejamos que, suas lembranças sobre o vestuário da época exemplificam a relação entre o poder aquisitivo e o consumo em massa de jeans nesse período.

De acordo com os resultados dessa pesquisa, existe uma relação profunda entre o consumo, as formas de consumir e o que influencia as pessoas a comprarem roupas novas, seja por necessidade ou apenas por vontade. E nesse jogo de influências, fica claro que a cultura da sociedade local e da época desempenham um papel importante. Um exemplo disso é o ato de encomendar roupas sob medida, mesmo em uma época em que a indústria da moda já estava

consolidada. Esse hábito abrange pelo menos três fatores: culturais, econômicos e sociais. Ao ser o autor das próprias roupas, não no sentido de costurá-las, mas de encomendá-las, a pessoa não só mostra seu poder de compra, mas também seu pertencimento a um determinado grupo social.

Na década de 1980, as ombreiras se tornaram um aspecto icônico do vestuário feminino. Uma das entrevistadas, ao comentar sobre sua preferência por essa moda, revelou: “usava ombreira nos casaquinhos sociais, mais no dia a dia ou quando queria ir num aniversário com uma roupa mais bonitinha, mais arrumadinha. Já os conjuntinhos eram pra um casamento, pros quinze anos, uma coisa mais formal” (ENTREVISTADA 5, 2021). Outra entrevistada, por sua vez, expressou sua opinião sobre as ombreiras: “eu lembro das ombreiras. Coisa feita gente, usar aquelas ombreiras. Bah, mas a gente ficava o máximo” (ENTREVISTADA 4, 2021). Essa crítica à moda do passado também evidencia a mudança de gostos e a superação de estilos antigos diante das novas propostas que surgem no mercado de consumo.

As ombreiras foram de fato um elemento característico da moda na década de 80. Elas eram amplamente utilizadas em diversas peças de roupa, desde blazers e casacos até vestidos e blusas. O uso de ombreiras era tão comum que muitas pessoas associam imediatamente essa característica à moda da época, as “ombreiras eram totalmente década de 80. Eu casei em 85 e as coisas eram todas de ombreiras. As roupas eram bem assim, tudo era grande, babado, ombreiras, gola, tudo era exagerado” (ENTREVISTADA 2, 2021). Schmitt e Sanchez (2019) destacam as ombreiras como parte integrante do movimento chamado *power dressing*, que foi um dos principais movimentos da moda nos anos 80. Ele tinha como objetivo transmitir uma sensação de poder e autoridade através do vestuário. As ombreiras, com seu volume e estrutura marcantes, contribuíam para essa aparência poderosa quando usadas em ambientes de trabalho.

Quando se conversa sobre os modos de vestir e as modas passadas, percebe-se que as roupas são apresentadas como figuras de mudanças de comportamento, em curso ou anunciadas. Observemos o relato da Entrevistada 4 ao descrever um acontecimento da sua vida privada, onde o vestuário teve papel importante no rumo da sua vida:

Não me visto com roupa de senhora, até acho que lá atrás eu me vestia mais assenhorada que hoje... e eu me lembro, quando eu era casada... aproveitar que meu filho saiu... eu era casada e uma amiga minha... isso foi lá pelos anos 90... ela fechou uma boutique, naquele tempo era boutique. E aí era umas calças rasgadas que hoje em dia todo mundo usa, artistas de televisão, e ela me mandou umas calças para eu experimentar né. E aí eu tava me sentindo maravilhosa ele [o marido] olhou pra mim e disse “tu não vai usar essas calças”, e aí eu nunca vou esquecer daquilo ali, pesou

porque eu fiquei, fiquei olhando aquele monte de calça rasgada que amava e ele tinha dito que eu nunca podia usar e eu digo “gente eu olhei, eu nunca vou usar poder usar essas calças”, então tu vê que uma calça também pesou para eu querer me separar, claro não era o motivo, mas não poder fazer alguma coisa, era uma coisa que eu levava a não querer mais estar naquela situação, porque eu queria ser livre, queria fazer o que eu quisesse, eu queria ser livre entendeu? Pra usar o que eu quisesse (ENTREVISTADA 4, 2021).

A entrevistada relatou mudanças de comportamento que estavam ocorrendo. É importante considerar que, no Brasil, a Lei do Divórcio só foi sancionada em dezembro de 1977, apesar da sociedade já exigir essa mudança há muito tempo. A entrevistada se divorciou em um momento em que os benefícios da Lei do Divórcio já estavam se tornando mais aceitos socialmente. Ela associou suas roupas ao sentimento de opressão que tinha em relação ao marido, atribuindo ao vestuário um valor de liberdade que o vínculo matrimonial lhe impedia de experimentar. É claro que a moda não é uma escolha completamente livre, pois sua oferta é influenciada por diversas condições externas aos consumidores individuais. Além disso, ela também não é totalmente própria, já que é moldada por condicionantes sociais. No entanto, no caso específico desta entrevista, a escolha de suas roupas sintetizou o conflito que o casamento lhe impunha, tornando-se um símbolo importante de sua busca por liberdade.

A respeito da segunda categoria, a materialidade, observamos sua presença em vários momentos durante todas as entrevistas. O vestuário é uma expressão visual, tátil e sensorial, com o potencial de construir a imagem do indivíduo perante o grupo ao qual pertence ou não. Ele costuma desempenhar um papel crucial nas primeiras impressões que as pessoas têm umas das outras, sendo comum percebermos o outro, de imediato, através de suas vestimentas. Portanto, era esperado que a materialidade fosse um aspecto em evidência em algum momento das entrevistas, começando pelo relato da Entrevistada 4:

Eu me lembro de uma jaqueta de nylon vermelha que eu vim pro Assis Brasil [escola] e era todo mundo de uniforme azul marinho e eu apareci com aquela jaqueta vermelha chamando atenção assim, aluna nova, jaqueta vermelha, nunca vou esquecer disso [...] eles usavam uniforme azul marinho, nunca vou esquecer, eu cheguei de moletom, era uma, era um casaco de nylon vermelho gente, o colégio inteiro me olhando, aluna nova do interior de vermelho, foi marcante demais, demais (ENTREVISTADA 4, 2021).

A informação compartilhada evidencia o poder das características físicas do vestuário como marcadores na memória. Mesmo após muito tempo, a jaqueta vermelha gravada na memória da Entrevistada. A partir desse relato, também podemos perceber questões relacionadas à matéria-prima em evidência na época, o nylon.

É interessante notar como as três categorias de análise se entrelaçam nesse contexto. Embora a materialidade do vestuário esteja em destaque no relato, podemos observar como o sujeito sente estranhamento ao chegar a um lugar desconhecido. A cor da roupa, casualmente um marcador de atenção muito utilizado na sociedade ocidental, também se torna, para a Entrevistada, o elemento que a diferencia do resto do grupo. É possível que ela tenha sido notada por muitos, mas o sentimento intenso de ser olhada por todos pode ter influenciado sua percepção do acontecimento mais do que a situação real. Dessa forma, o fato de não estar usando o uniforme da escola a fez sentir-se estranha em relação a si mesma.

Outra questão que surgiu em um dos relatos refere-se à materialidade do vestuário, mas dessa vez sob a perspectiva da qualidade da peça:

Na Incosul era uma saíinha tipo escolar, na época saía justa, como a gente dizia, um macho na frente [prega], era aquela prega mas era nível do joelho, mas a gente dava um jeitinho de trazer a bainha, subi um pouquinho, era uma saia verde meio oliva e a blusa era de malha, era tudo de malha, aquela que sua e pega mau cheiro, a blusa era de malha bege [...] Na Cambial, era uma loja mais chique, a Cambial era uma loja que vendia apenas tv, na época 3 em 1, e os primeiros videocassetes [...] lá era um tailleur cinza grafite, mas era uma saia bem justa ao corpo e ela era bem comprida então ficava bonito [...] tipo saia 4 panos, abertinha atrás mas ela era bem comprida na frente e tinha um casaquinho muito chique aberto na diagonal, assim a frente era na diagonal, a abertura com um botãozinho então te deixava bem elegante [...] e tu via que era um tecido de alta qualidade, porque tu tava recebendo o teu cliente e o teu cliente tinha que te ver bem vestido, bem arrumado (ENTREVISTADA 1, 2021).

Aspectos referentes à qualidade de ambos os produtos mencionados ficaram gravados na memória da Entrevistada, possibilitando até mesmo a realização de um comparativo feito por ela sobre suas preferências. A experiência com a segunda loja também revelou como o uso do uniforme era uma ferramenta para causar uma boa impressão no cliente, tornando a experiência de compra o mais agradável possível para o público-alvo da loja.

A qualidade desse segundo uniforme foi comprovada pelo restante do relato da Entrevistada, no qual ela menciona que a blusa ainda está em posse de sua mãe e sendo utilizada: “a blusa de baixo era uma blusa regatinha cor de laranja de linha, essas linhas feitas em malharia [...] a minha mãe ainda tem a blusa cor de laranja, ela guardou lá a tal blusa cor de laranja [...] porque o tecido é muito bom e ela usa em casa e essa porcaria não estraga” (ENTREVISTADA 1, 2021).

Determinados acontecimentos realmente deixam marcas mais profundas do que outros. Continuando a análise da primeira entrevista, ela menciona um calçado específico que ficou gravado em sua memória devido ao conforto que proporcionou durante a gestação,

O tênis Fila eu usei por muito tempo porque ele era confortável, e é confortável. Depois disso a minha filha usou ele por um bom tempo, e ele tá aqui, meu pé não cresce, ele é uma camurça marrom e tem bordado em marrom também. E é aquele tipo de coisa que bota no pé e sai usando porque não tem cara de antigo entendeu (ENTREVISTADA 1, 2021).

É interessante observar que a Entrevistada 1 lembra da marca do tênis, e nesse caso, além da característica do conforto, a informação sobre a cor, o tipo de material e o fato de o tênis ainda estar em uso adicionam detalhes importantes sobre o calçado.

De maneira similar, a Entrevistada 5 também destacou a visualidade das meias coloridas quando questionada sobre as roupas usadas em passeios. Ela mencionou que costumava usar meias coloridas, o que demonstra como esse detalhe específico ficou marcado em sua memória como parte de suas escolhas de vestuário durante essas ocasiões, no relato ela compartilha que andava “de calça, de blusinha, de sandalinha. Tinha as melissinhas, tinha as meias coloridas listradas que a gente colocava nesse tempo” (ENTREVISTADA 5, 2021), elementos esteticamente característicos do vestuário da época.

Mesmo que em alguns momentos os relatos se cruzem e possam ser analisados em mais de uma categoria, foi possível identificar a essencialidade da materialidade. A partir de evidências nos relatos, fica claro que o detalhamento do vestuário e a sua qualidade são aspectos essenciais a serem lembrados. Elementos como cor, modelagem, silhueta, volume, tecido e marca se destacam e fizeram diferença para a memória das pessoas entrevistadas. Esses detalhes específicos do vestuário parecem ser especialmente significativos e relevantes para a forma como as lembranças são retidas e evocadas ao longo do tempo.

Por fim, a terceira categoria de análise é composta pelos aspectos simbólicos, os quais ressaltam a conexão do vestuário com a afetividade e eventos significativos. Nesse contexto, guardar roupas que já não são mais usadas pode servir para manter viva uma memória específica, sendo que essa memória se apoia na materialidade do objeto em questão. Portanto, nesta categoria, podemos perceber as conexões entre o tangível e o intangível, bem como o simbolismo do vestuário como um portador de memórias.

Com base nas informações fornecidas pela Entrevistada 3 sobre sua roupa de formatura, podemos observar um forte desejo de conservar o significado associado a essa vestimenta. A entrevistada demonstra uma conexão emocional com o conjunto, já que o mantém acessível. A entrevistada compartilha suas lembranças sobre esse momento especial e a importância que a roupa tem como uma recordação valiosa em sua vida:

Ela [a roupa] é um tecido com caimento pesado, eu nunca gostei de muito volume, gostei da coisa com mais fluidez mas fosse mais pesado, e ela foi um sucesso na época porque todo mundo tinha aquela coisa da roupa que tava em voga naquela época, e eu comprei, eu não tive uma festa oficial de formatura nem um baile, nós íamos no baile dos outros, que a medicina se formava geralmente no mesmo dia que nós. Então ele tinha uma cor que é uma cor de vinho assim não tão escuro e o estampado dele era com dourado fosco, e ele lembrava uma coisa étnica indiana. A saia ela era um quase um godê poncho com abotoamento lateral, e a blusa era um sucesso porque ela era de um ombro só, o outro lado ele existia o ombro só que ele era um chamalote, uma amarração, e eu usei essa roupa mais vezes até que eu comecei a ganhar mais peso e mais medidas e não foi mais possível, e depois a última vez que eu usei, foi só a saia. Porque aí ela foi transformada numa saia envelope, porque a saia godê poncho ela tem muito tecido né, mas aí a envelope a gente aproveitou. Hoje não me serve mais, ela não me fecha, a não ser que eu troque o botão de lugar, e a blusa já não me serve mais porque há muito tempo eu já estou na menopausa e aí o meu volume do tórax aumentou bastante. [...] E aí assim, eu guardo, eu não sou de guardar, eu sempre, eu quero ter só o que eu uso, usar menos, consumir menos, mas ela tem um valor afetivo (ENTREVISTADA 3, 2021).

O relato evidencia a forte conexão entre as memórias e os eventos marcantes associados ao vestuário, o que naturalmente desperta o desejo de preservá-lo. Sobre isso, John Flugel (2008 [1929]) já dizia que “muitas roupas não têm apenas um valor exibicionista simples; seu valor é aumentado pelo fato de que elas possuem, para o inconsciente, uma significação simbólica” (2008 [1929], p. 3). Estudos conduzidos por Ivan Izquierdo (1989) chegaram à conclusão de que existem diferentes tipos de memórias. Quando uma memória está diretamente associada a um acontecimento específico, ela é classificada como memória declarativa. Diante disso, podemos afirmar que essas roupas atuam sobre a memória declarativa, uma vez que elas desencadeiam a lembrança de momentos marcantes.

Referente às alterações realizadas na peça original, Benarush (2012) esclarece que partem do desejo de preservar, de evitar o descarte.

Quando a bainha de uma roupa é alterada ou uma manga é cortada, é possível inferir um desejo da usuária de atualizar a silhueta da roupa. Mesmo a mais simples modificação sinaliza um desejo de reaproveitamento, resultando em um prolongamento da vida do artefato, evitando, assim, seu descarte. (BENARUSH, 2012, p. 115).

O episódio relatado pela Entrevistada 3, no qual ela menciona estar na terceira alteração da saia, sugere um desejo implícito de prolongar a vida do objeto, conforme explicado pela autora. É importante ressaltar que essa foi a única entrevista realizada presencialmente, ocorrendo em um momento no qual já eram possíveis os encontros, mesmo com todos os cuidados necessários para evitar o contágio da covid-19. Foi observada uma diferença na interação dessa entrevista em relação às demais, que foram realizadas virtualmente.

De fato, essa particularidade de preservar e continuar usando peças de vestuário por longos períodos não é exclusiva da Entrevistada 3. A Entrevistada 1 também menciona o uso contínuo de um item desde a década de 1980: uma jaqueta jeans. Essa atitude de manter e utilizar roupas que têm significados e memórias especiais é comum entre algumas pessoas. Essas vestimentas se tornam testemunhas tangíveis de momentos marcantes em suas vidas, conectando o material ao imaterial, o presente ao passado. Essa conexão entre o vestuário e as memórias afetivas destaca a importância dessas roupas como suportes de lembranças e símbolos de momentos vividos. A Entrevistada 1 explica: “ela me agrada, entendeu? Ela sai de moda, ela entra na moda, não sei, mas eu sou feliz com ela” (ENTREVISTADA 1, 2021). Aqui não está mais em pauta se a roupa está ou não na moda, importa uma outra relação que a pessoa estabelece com a roupa.

Em continuidade às roupas que estão guardadas, a Entrevistada 3 comentou sobre um casaquinho de crochê que ela guarda com a esperança de poder usá-lo mais uma vez,

Hoje eu tenho uma roupa de caráter afetivo grande, e falta pouco para eu me desfazer dela, que é um casaquinho de crochê, não é desta década, é mais recente, só que pela lavagem ele já tá mais apertado, e eu tenho uma amiga que é louca por ele, então eu tô quase dando pra ela, mas eu sempre tenho a esperança de que eu vou usar mais uma vez o casaquinho mesmo sem fechar, mesmo com a manga apertada (ENTREVISTADA 3, 2021).

Mediante ao relato compartilhado, percebemos o que Benarush (2012) expõe sobre a relação do valor intrínseco e do valor simbólico do vestuário, “a prática de doar roupas para os menos favorecidos ou para outros membros da família, por exemplo, é indicativa do valor intrínseco que se dá ao material têxtil; entretanto, quando guardamos roupas antigas, estamos apegados ao seu valor simbólico” (2012, p. 115).

Através do relato da Entrevistada 4, podemos perceber que ela guarda até o presente momento diversos vestidos usados em momentos significativos de sua vida, incluindo o vestido da primeira comunhão. Mesmo que a conversa e as perguntas estejam centradas na década de 1980, e é evidente que há uma ida e volta no tempo por meio do exercício da memória.

Essa ida e volta no tempo, resultado do exercício mnemônico, demonstra a importância afetiva desses vestidos e das memórias a eles associadas. Ao falar sobre esses itens de vestuário e os eventos que os acompanham, a Entrevistada 4 revive as emoções e momentos especiais que eles representam em sua vida. Essas lembranças têm um valor significativo para ela, e a prática de guardar essas peças é uma forma tangível de manter viva sua conexão com o passado e com a pessoa que ela foi ao longo dos anos. Essa relação entre o presente e o

passado, expressa por meio das memórias evocadas pelos vestidos, destaca a importância simbólica e emocional dessas roupas em sua vida.

Esses dias achei meu vestido de primeira comunhão, vestidinho, tinha 12 anos, e ele tá aqui [...] pois é, é curioso eu ter guardado esse vestido, tem quantos anos? Eu vou fazer 56 e faz poucos dias que eu vi ele, arrumando alguma coisa encontrei ele “olha meu vestido da primeira comunhão”, 56 menos 12, olha quanto tempo tinha esse vestido e tá do mesmo jeito [...] tá bem preservado e esse vestido ele é uma relíquia, nem tinha me dado conta de tão relíquia, só eu usei também (ENTREVISTADA 4, 2021).

Naquele momento da entrevista, a Entrevistada 4 reconhece que o vestido é uma verdadeira relíquia e que, até então, não havia percebido o valor simbólico que ele representa, como destacado por Benarush (2012). Essa perspectiva destaca a importância afetiva e emocional que o vestido tem em sua vida.

A lembrança e o valor atribuído ao vestido estão diretamente relacionados à memória declarativa (IZQUIERDO, 1989). Essa memória é responsável por armazenar eventos específicos e experiências vividas pela pessoa ao longo do tempo. Ao preservar o vestido da primeira comunhão por 44 anos e lembrar os momentos associados a ele durante a entrevista, a Entrevistada 4 demonstra claramente como esse objeto se tornou um símbolo significativo.

Ainda mantendo essa linha da preservação do vestuário, a Entrevistada 5 contou ter guardado uma saia por estar ligada a bons momentos: “a saia de pregas é a que eu guardei, porque eu gostava bastante, e eu ia nos bailes, nos eventos, que eu digo os bailes que eu ia né” (Entrevistada 5, 2021). Em seguida, comentou sobre uma outra forma de suporte material, uma fotografia, na qual ela está com uma calça de cintura alta listrada e um top que muito gostava de usar. Mesmo não possuindo mais as peças e lamentando por isso, encontrou na fotografia uma forma de ter perto de si àquelas roupas que tanto participaram de sua juventude.

Sobre não ter guardado outras peças de vestuário e sentir falta disso, ela reflete e diz: “com certeza, principalmente, aquela roupa da foto no bidê, porque me lembram festas e locais bons que eu gostava de ir, aí aquela roupa da foto mesmo, a calça listrada que eu amava, o collant vermelho, eu queria ter guardado, mas não sei que fim dei” (ENTREVISTADA 5, 2021). Andrzejewski (2015) fala que, “a partir da roupa ou do acessório, podemos lembrar com precisão momentos importantes que estiveram relacionados a algum momento da nossa história pessoal (2015, p. 89). Justamente, pode ser o caso desse conjunto que foi passado adiante.

Com relação a essa questão sobre espaço, a Entrevistada 4 explana que: “eu não tenho lugar para guardar coisa antiga, mas me arrependo, acho legal. Do meu filho e da minha filha

mesmo, eu não tenho muita coisa deles, de criança quase nada” (ENTREVISTADA 4, 2021). Por mais que a entrevista tenha sido realizada em ambiente virtual, conseguimos observar os gestos e os silêncios refletidos no que estava sendo perguntado e respondido, como nesse caso.

Sendo assim, diante das exposições realizadas, é importante relembrar a importância da memória oral como instrumento de constituição da história de vida das pessoas “comuns”, ou como Bosi prefere elencar, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história” (BOSI, 2022, p. 70), e ainda que o tempo passe, essas mulheres rememoram sua juventude através dos seus modos de vestir, das práticas culturais, do recorte espacial em que estavam inseridas na cidade, e assim por diante.

Considerações Finais

A roupa é um utilitário para o corpo e para a memória. Assim como outros objetos, as roupas podem despertar emoções e sentimentos vividos. No entanto, enquanto as entrevistadas compartilhavam suas histórias, onde as roupas eram as protagonistas, um cenário de época emergia, mesmo que de forma inconsciente. Nem sempre isso acontece com outros utensílios domésticos, brinquedos e assim por diante. Com as cinco entrevistadas, foi o que aconteceu.

Nem todas as roupas representaram momentos felizes, como a jaqueta vermelha que fez a Entrevistada 4 se sentir observada por toda a escola, ou a calça rasgada que ela não pôde comprar por causa do marido. A sociedade conservadora, alheia às mudanças constantes do país, continuava controlando as mulheres através da vigilância do vestuário. Entretanto, os cinemas diversificavam as ofertas com uma cinematografia plena de modas, o *show business* da música pop lançava *clips* com apelo visual das canções e músicos que utilizavam o vestuário para marcar presença e diferença. A televisão colorida, francamente popularizada, espalhava brilho em programas que aplicavam a cor como um atrativo. Os anos 80 foram marcados por uma transição política e social em um país instável, mas cheio de esperança.

As roupas, nessa época, já estavam caminhando para a obsolescência, como a Entrevistada 2 mencionou sobre as ombreiras, que eram muito populares na época e agora são vistas como ridículas. No entanto, algumas roupas conseguem transcender o tempo e os valores atribuídos a elas, como aquelas que são mantidas e usadas até hoje. Elas podem passar por modificações e transformações, mostrando menos sobre o fator econômico e mais sobre a vontade de ser único e artesanal.

A materialidade das roupas pode gerar um discurso técnico, como a Entrevistada 3 mencionou ao descrever sua roupa de formatura com termos como "caimento pesado", "padrão étnico indiano", "godê poncho", "chamalote". Esse discurso também reflete os valores da época, como a possibilidade de usar roupas que não servem mais. Além do discurso técnico, há também o discurso contemporâneo da sustentabilidade: só guardar o que realmente usamos. No entanto, a memória, quando é afetiva, exige um suporte físico. As roupas têm o poder de contar histórias e dar a quem as possui a possibilidade de criar narrativas.

Sendo assim, com base na análise desenvolvida e nos resultados compartilhados, é importante destacar a relevância dos estudos que conectam vestuário, memória e cultura material. Através desses estudos, podemos descobrir sobre sociedades, épocas, costumes, histórias, culturas e formas de consumo. Com as entrevistas realizadas, conexões foram sendo criadas ao longo da jornada de pesquisa. Ainda que não houvesse ligação direta entre as participantes, as falas complementavam-se ao discorrer sobre o assunto em questão.

Fundamentado no que foi mencionado acima, quando se trata de aspectos culturais e comportamentais, as entrevistadas revelaram que o vestuário tem o potencial de ser um símbolo memorial, capaz de descrever aspectos de uma cidade durante um período de transição política. Ao compartilhar memórias de sua juventude, as entrevistadas apontaram elementos que refletiam aspirações e valores sociais da época, influenciados diretamente pelo sistema de consumo da moda. A partir dessas histórias pessoais, foi possível ter um vislumbre da cidade, que se revela como herdeira de um passado de relativa riqueza e prestígio. No conjunto de relatos, foram identificados momentos de mudança significativa que destacam aspectos de um coletivo que estava passando por transformações profundas.

Referências

ANDRZEJEWSKI, Luciana. A moda como despertar da memória. In: MERLO, Márcia (org.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 89-97.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 113-117, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v5i12.121>. Acesso em: 04 jul. 2023.

- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
- CIDREIRA, R. P. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.
- COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.
- DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- FLUGEL, J. C. Sobre o valor afetivo das roupas. **Psyche**, São Paulo, v. 12, n. 22, p. 13-26, 2008 [1929]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-11382008000100002. Acesso em: 1 ago. 2023.
- HOLLANDER, A. **O sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- ROCHE, D. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- SANTAELLA, L. **A moda é sintoma da cultura?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.
- SCHMITT, Juliana; SANCHEZ, Gabriel. Gênero e moda: do binarismo à tendência agender. In: SILVA, Camila Borges da; MONTELEONE, Joana; DEBOM, Paulo (orgs.). **A história na moda, a moda na história**. São Paulo: Alameda, 2019, p. 229-246.
- SILVEIRA, L. P. **O vestuário como suporte de recordação**: lembranças da juventude pelotense (1980-1989). Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8482>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- VOLPI, M. C. As roupas pelo avesso: cultura material e história do vestuário. **dObras** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 70-78, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.26563/dobras.v7i15.75>. Acesso em: 08 jul. 2023.